

**O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO NA NARRATIVA *O HOBBIT* DE J.R.R.
TOLKIEN**

**THE PROCESS OF INDIVIDUATION IN THE NARRATIVE *THE HOBBIT* BY
J.R.R. TOLKIEN**

Ismael Arruda Nazário da Silva

Charles Albuquerque Ponte

Univerdade do Estado do Rio Grande do Norte

Resumo: Este estudo objetiva compreender o processo de individuação observado na trajetória do personagem Bilbo Bolseiro, pela Terra-média, na narrativa *O hobbit*, de J. R. R. Tolkien. O processo de individuação é a jornada que conduz ao desenvolvimento da totalidade psíquica em um indivíduo, real ou ficcional, como os personagens da literatura, e que conduz a um estado de unificação psíquica. Para a compreensão desse processo, utilizou-se os estudos de Jung (2015) e Von Franz (2008) e, para a análise dos símbolos que surgem no decorrer da narrativa de Tolkien, utilizamos o *Dicionário dos Símbolos*, de Chevalier e Gheerbrant (2009). Empreendeu-se, para tanto, o mapeamento de momentos importantes do enredo para posterior análise das etapas do processo de individuação, como proposto por Von Franz. Observou-se que as crenças e atitudes de Bilbo Bolseiro de fato mudaram e que o personagem alcançou um estado de unificação interior entre suas mentes consciente e inconsciente no final da narrativa.

Palavras-chave: Literatura; O hobbit; Individuação.

Abstract: This study aims to understand the individuation process observed in the trajectory of the character Bilbo Baggins, through Middle-earth, in the narrative *The hobbit*, by J. R. R. Tolkien. The individuation process is the journey that leads to the development of psychic wholeness in an individual, real or fictional, like characters in literature, and that leads to a state of psychic unification. To understand this process, we used the studies of Jung (2015) and Von Franz (2008) and, for the analysis of the symbols that appear in the course of Tolkien's narrative, we used the *Dictionary of Symbols*, by Chevalier and Gheerbrant (2009). For this purpose, the mapping of important moments of the plot was undertaken for later analysis of the stages of the individuation process, as proposed by Von Franz. It was observed that Bilbo Baggins' beliefs and attitudes did indeed change and that the character reached a state of inner unification between his conscious and unconscious minds at the end of the narrative.

Keywords: Literature; The hobbit; Individuation.

Recebido em 27 de fevereiro de 2023.

Aprovado em 15 de dezembro de 2023.

Introdução

Investigaremos, neste trabalho, a narrativa *O hobbit*, de J. R. R. Tolkien, lançado inicialmente em 1937, na Inglaterra. Analisaremos o processo de individuação, foco deste trabalho, empreendido pela personagem Bilbo Bolseiro, durante a jornada que realizou pela Terra-média. Para a análise da história, será utilizada a edição de 2022, traduzida para o português, lançada pela editora Martins Fontes.

O termo individuação foi elaborado por Carl Gustav Jung, psiquiatra suíço, fundador da Psicologia Analítica no século XIX, para descrever o processo de tornar-se Si-mesmo, ou seja, um ser indivisível, conforme aponta o próprio autor na sua obra *O eu e o inconsciente* (2015). Nesse processo, o indivíduo promove a jornada interior, em que a personalidade é desenvolvida e unificada. No final do processo, o sujeito estará mais consciente de sua identidade, podendo alcançar a totalidade psíquica.

Por totalidade, entende-se a união entre a instância consciente e inconsciente na psique do ser humano, a partir da qual se produz uma situação de paz e plenitude interior. A totalidade é alcançada por meio da individuação, que ora desenvolve-se mais no consciente, ora no inconsciente, revelando um processo dinâmico de trocas simbólicas entre essas duas instâncias. Os símbolos apontam o rumo que o processo de individuação tomará, permitindo verificar se a psique estará atingindo a totalidade ou não.

O hobbit tem como espaço a Terra-média. Esse macro espaço foi criado inspirado na Terra, mais especificamente, no norte da Europa, possuindo geografia, flora e fauna próprias. Dentre os seres que habitam a Terra-média, destacam-se os hobbits, os quais Tolkien, no prólogo de *O senhor dos anéis: A sociedade do anel* (2002b), os descreve como seres pequenos, discretos e antigos, que amam a paz e a tranquilidade. Na narrativa, Bilbo Bolseiro é chamado para participar de uma aventura. Para tanto, ele perpassa por diversas situações durante a narrativa que requerem tomadas de atitudes por parte dele e a superação de um estado de conforto prévio.

No que diz respeito à análise da obra literária, valemo-nos dos conhecimentos da psicologia analítica para entendermos o processo de individuação que se desenrola na psique do protagonista da narrativa. Questionamo-nos, pois: Qual o papel da consciência e da inconsciência na individuação empreendida por Bilbo? Que arquétipos estão envolvidos no processo de individuação? A totalidade psíquica é alcançada pelo protagonista no final da narrativa? Questões como essas são fundamentais para

compreendermos as transformações pelas quais Bilbo passa durante a aventura em *O hobbit*, a fim de compreendermos seu crescimento interior.

1. O processo de individuação

1.1. O crescimento psíquico

A Psicologia Analítica é uma área recente do estudo da psique do homem. Esse campo de investigação foi fundado pelo psiquiatra Carl Jung (1875-1961), no século XIX, e difere da psicanálise, fundada por Freud (1856-1939), principalmente, no tocante à natureza e à função do inconsciente e dos sonhos na vida do ser humano. Nas obras *O eu e o inconsciente* (2015) e *Os arquétipos e o inconsciente coletivo* (2014), Jung discorre sobre a instância inconsciente da psique de forma detalhada, mostrando a relação dessa com o consciente. O autor relata ainda sobre o processo de individuação, um conceito central na psicologia de Jung, e que é o foco teórico de estudo deste trabalho.

O conceito de individuação permeia toda a obra de Jung, podendo ser definido, conforme o autor (2015), como

[...] tornar-se um ser único, na medida em que por “individualidade” entendermos nossa singularidade mais íntima, última e incomparável, significando também que *nos tornamos o nosso próprio si-mesmo*. Podemos pois traduzir individuação como “tornar-se si-mesmo” (*Verselbstung*) ou “o realizar-se do si-mesmo” (*Selbstverwirklichung*) (JUNH, 2015, p. 63).

A individuação pode ser considerada como algo subjacente à própria duração da vida do indivíduo, como salienta Humbert (1995), conduzindo o ser humano ao crescimento psíquico. Esse crescimento psíquico envolve uma troca saudável de conteúdos, em que o inconsciente, como o guia, passa a orientar a vida consciente do indivíduo, fornecendo informações que não haviam sido percebidas pela consciência na sua vivência diária. Nesse processo, o indivíduo realiza a jornada interior, em que sua personalidade é unificada. No final do processo, o sujeito estará mais consciente de sua identidade, podendo alcançar, ou não, a totalidade psíquica.

Por totalidade, entende-se a união entre as instâncias consciente e inconsciente na psique do ser humano, a partir da qual se produz uma situação de paz interior. A totalidade é alcançada por meio da individuação que ora realiza-se mais no consciente, ora mais no inconsciente, revelando uma dinâmica troca simbólica. Os símbolos são elementos fundamentais na psicologia de Jung pois eles apontam se a psique está em processo de individuação e o rumo que essa está tomando. Símbolos são, de acordo com Jung (2008),

elementos como imagens, nomes ou termos, por exemplo, que possuem conotações além dos seus significados aparentes e imediatos. Uma forma bem concreta de perceber e analisar esse processo é através dos sonhos, pois um homem produz símbolos inconscientemente e de forma espontânea durante o sono.

No decurso do processo de individuação, algumas etapas surgem. São sobre essas etapas que Von Franz (2008) discorre no capítulo “O processo de individuação”, em *O homem e seus símbolos* (2008). Ao todo, a autora elenca cinco passos: (1) A configuração do crescimento psíquico; (2) O primeiro acesso ao inconsciente; (3) A realização da Sombra; (4) A integração do *Self* e (5) O aspecto social do *Self*. Nos valeremos desses passos quando estivermos analisando o processo de individuação de Bilbo mais adiante.

Com as pesquisas de Carl Jung, o conceito de inconsciente foi ampliado e aperfeiçoado. Esse não mais passou a ser encarado como um “quarto de depósito”, como até então havia sido considerado por Freud, mas como parte fundamental da dinâmica psíquica da qual a instância consciente deriva, à semelhança de uma mãe e de um filho, em termos metafóricos. O inconsciente seria a origem de toda vida e energia psíquica.

Na instância inconsciente, de acordo com Jung (2015), há elementos que se tornarão conscientes conforme a vida do indivíduo progride. Esses elementos nos fazem perceber que a psique inconsciente nunca se encontra estática, mas em constante movimento e interação com a psique consciente, numa relação de compensação e troca.

Já no que tange à consciência, pode-se dizer que esta não é algo fixo ou imutável tampouco, mas em constante desenvolvimento. Ela vem se transformando e evoluindo no decorrer do tempo e precisa ser sempre vista de maneira relativa, considerando-se o contexto histórico e cultural no qual ela se insere. Segundo Grinberg (1997, p. 70), “[...] pode-se afirmar que a consciência é relativizada pela história, não sendo possível avaliá-la de modo objetivo, uma vez que é parte da realidade histórica que tenta compreender”.

Paralelo à ampliação do conceito do inconsciente, Jung desenvolveu a ideia de inconsciente pessoal e coletivo, ambos largamente estudados no meio acadêmico. Para Jung, a estrutura da psique seria semelhante a uma esfera, com várias camadas concêntricas. A camada mais superficial seria a consciência e a mais profunda, o inconsciente coletivo. Todas as camadas dessa estrutura estariam em constante interação.

No nível do inconsciente pessoal, o material encontrado diz respeito às vivências do indivíduo, contendo materiais como medos, expectativas, ilusões, frustrações, conteúdos reprimidos, complexos. A respeito do inconsciente pessoal, relata Jung (2015,

p. 24), “[...] os materiais contidos nesta camada são de natureza pessoal porque se caracterizam, em parte, por aquisições derivadas da vida individual e em parte por fatores psicológicos, que também poderiam ser conscientes”.

O inconsciente coletivo é uma área da psique inconsciente compartilhada por todos os seres humanos, contendo símbolos e imagens ancestrais carregadas de energia afetiva, os arquétipos. Essas imagens ancestrais, quando brotam na consciência, desencadeadas por algum fator do meio, colocam o indivíduo sobre o efeito específico de certas ideias, como a da mãe ancestral, cuidadosa e mantenedora, ou como o arquétipo do herói vivenciado por Bilbo em *O hobbit*.

1.2. Arquétipos do inconsciente coletivo

A teoria junguiana contempla os arquétipos do inconsciente coletivo que são formas de pensamento carregadas de energia afetiva. Essa energia afetiva é bem específica, e, quando ativada influencia a instância consciente, podendo afetar o comportamento do indivíduo e suas tomadas de decisão.

Os arquétipos são matrizes energéticas específicas que levaram muito tempo para serem formadas na psique humana, podendo despertar em qualquer lugar e tempo, bastando, para isso, que fatores do meio externo os acionem, em situações corriqueiras. “O mundo dos arquétipos é o mundo invisível dos espíritos, deuses, demônios, vampiros, duendes, heróis, assassinos, e todos os personagens das épocas passadas da humanidade sobre os quais foi depositada forte carga afetiva” (GRINBERG, 1997, p. 134).

Os arquétipos que analisaremos, na narrativa *O hobbit*, seguindo os cinco passos para o crescimento psíquico, são: a Sombra, a/o *Anima/Animus* e o *Self*. O primeiro dos arquétipos abordados é a Sombra. Jung empregou o termo para se referir à parte inconsciente da personalidade humana que por variados motivos preferimos não aceitar ou manter na consciência. É por meio dos sonhos que passamos a conhecer esses aspectos não aceitos e a ter a oportunidade de integrá-los à consciência à qual pertencem. Nos sonhos, a Sombra quase sempre aparece personificada.

A Sombra engloba qualidades e atributos que o Ego, centro da consciência, desconhece, ou não aceita. Esse material poderia torna-se consciente caso o Ego os aceitasse como parte integrante da consciência, afinal é um material que deveria integrar esse, mas que, por razões morais e normais sociais, são reprimidos.

Quando um indivíduo consegue perceber a sua Sombra, esse torna-se consciente das tendências negativas que existem em si, ficando, muitas vezes, envergonhado. Essas tendências ou qualidades são facilmente vistas nos outros, mas negadas em si, como preguiça, intrigas, traumas, paixões excessivas, etc. Elas passam a compor a Sombra e sempre estarão, de uma forma ou de outra, procurando retornar para a instância de origem.

Questões de ordem moral nem sempre desencadeiam atividades da Sombra no psiquismo do indivíduo. Algumas vezes pode ser que a *Anima*, o segundo arquétipo do inconsciente coletivo, que esteja em ação. Segundo Jung (2015, p. 80), “há uma imagem coletiva da mulher no inconsciente do homem, com o auxílio do qual ele pode compreender a natureza da mulher”. Caso o indivíduo seja do sexo masculino, este irá conhecer a personificação do sexo feminina no seu inconsciente, segundo Von Franz (2008), e, caso seja do sexo feminino, a pessoa entrará em contato com a personificação masculina, chamada de *Animus*. O *Animus* incorpora todas as características masculinas no inconsciente feminino, sejam aspectos positivos ou negativos. Contudo, esse não se manifestado por meio de inclinações eróticas ou, sob o viés de fantasias e emoções, mas, por meio de uma “convicção secreta” (VON FRANZ, 2008).

Este arquétipo nunca aceita exceções nas considerações da consciência. Quando ele se manifesta, raramente podemos contradizer, pois as opiniões do *Animus* são, em geral, considerações certas acerca de uma situação experienciada pelo sonhador, por exemplo. É um arquétipo que, como os outros, manifesta-se através dos sonhos e veicula informações necessárias ao crescimento do psiquismo do indivíduo.

O *Self* é o último arquétipo abordado nesta seção e está vinculado à Sombra, ao *Animus* e à *Anima*. Quando o indivíduo realiza a jornada interior, ele se depara, de início, com a Sombra. Ultrapassando essa etapa, ele defronta-se com a *Anima*, se o indivíduo for masculino, ou com o *Animus*, se for feminino. Não se deixando identificar com esses últimos arquétipos, um novo elemento surge na psique, o *Self*, o núcleo mais profundo.

O *Self* é, muitas vezes, representado como um ser superior, na sua aparição simbólica, como relatado por Von Franz. Essa forma superior, podendo ser a personificação de um deus, uma deusa, por exemplo, surge para guiar os processos internos e conduzir o indivíduo na jornada interior mais profunda. O homem, seguindo as instruções do seu inconsciente, pode permitir que sua vida, desinteressante e apática, torne-se uma aventura interior infindável, repleta de criatividade.

O aparecimento do símbolo do *Self* na mente indica que todo o psiquismo está envolvido na resolução de conflitos internos. O grande-homem desperta, e, com ele, inúmeras possibilidades criativas são reveladas em prol da realização do indivíduo. Agora, é o centro psíquico que guiará os processos internos e o homem pode torna-se Si-mesmo, ou, o centro do inconsciente orientará a consciência. O *Self* aparece nos sonhos usualmente em momentos críticos da vida do sonhador: instantes decisivos em que suas atitudes básicas e todo o seu modo de vida estão em processo de mudança.

Outro conceito caro à psicologia junguiana é o de sincronicidade que trata das coincidências significativas. Esses eventos acontecem sempre quando o processo de individuação está em curso. Ela é um recurso utilizado pela psique humana com o intuito de realizar uma maior integração dentro da personalidade do indivíduo por conta do processo de individuação em curso. Em se tratando de *O hobbit*, podemos inferir que o personagem Bilbo perpassa por diversas situações em que um tipo de “sorte” o ajuda a superar uma situação perigosa ou conflituosa. Esses momentos de ajuda são momentos em que a sincronicidade está ativada no processo de individuação.

A totalidade começa, na vida do indivíduo, em estado de indiferenciação. À medida, entretanto, que o processo de realização interior prossegue, o ser humano desenvolve-se para alcançar uma personalidade diferenciada, equilibrada e unificada. Segundo Jung (2006), contudo, raramente o objetivo de atingir a totalidade é alcançado, visto que o processo de individuação requer um trabalho constante de autoconhecimento e enfretamento das forças interiores que nem todos estão dispostos a realizar.

Ainda segundo Jung (2014), ninguém escapa da influência do arquétipo da unidade, embora varie de pessoa para pessoa a forma como o processo é conduzido para que a meta possa ser atingida. Esse processo, entretanto, é interrompido e retomado várias vezes na vida dos indivíduos, o que reforça o que o autor relatou, que o objetivo de alcance da totalidade nem sempre é atingido.

2. A jornada (in)consciente de Bilbo Bolseiro

2.1. O início da aventura de Bilbo

O hobbit, de Tolkien, narra a aventura de um pequeno personagem, Bilbo Bolseiro, pela Terra-média, juntamente com alguns anões e um mago. Eles objetivam chegar à Montanha Solitária, um antigo lar dos anões, que foi invadido por um dragão e

recuperá-lo. A companhia enfrenta perigos durante a jornada, principalmente, na forma de trolls, aranhas gigantes e orcs, além do próprio dragão no fim da aventura.

Durante a jornada, é possível notar que Bilbo passa por transformações internas que podem ser estudadas segundo os preceitos junguianos da individuação. Nessa seção, dessa forma, ressaltaremos os acontecimentos mais relevantes da narrativa que nos permitem compreender o processo de mudança interior pelo qual o hobbit passa, dividindo-o em categorias de análise, conforme visto na seção teórica, a saber: (1) A configuração do crescimento psíquico; (2) O primeiro acesso ao inconsciente; (3) A realização da Sombra; (4) A integração do *Self* e (5) O aspecto social do *Self*.

A jornada de Bilbo pela Terra-média inicia-se quando Gandalf aborda o hobbit em sua casa, no Condado, e diz estar à procura de alguém para participar de uma aventura, como consta no capítulo inicial, intitulado *Uma festa inesperada*. Bilbo, claramente, viu-se nervoso, uma vez que, participar de aventuras não fazia parte do estilo de vida dos hobbits, muito embora tivesse existido, na família, um parente que gostava de aventuras.

Considerando o processo de individuação, a notícia da aventura de Gandalf apresenta-se a Bilbo como traumática, pois ele se percebe na iminência de abandonar o lar e o conforto de sua toca para enfrentar o desconhecido. Segundo Von Franz (2008):

O verdadeiro processo de individuação – isto é, a harmonização do consciente com o nosso próprio centro interior (o núcleo psíquico) ou *Self* -, em geral, começa infligindo uma lesão à personalidade, acompanhada do conseqüente sofrimento. Esse choque inicial é uma espécie de “apelo”, apesar de nem sempre ser reconhecido como tal (VON FRANZ, 2008, p. 219).

É a dor do rompimento do que se considerava normal e cotidiano. O choque necessário para o desenvolvimento de um caminho que antes não era visto como possível. Bilbo sofre uma grande perturbação e sua personalidade é gravemente atingida. O lugar de conforto e segurança torna-se flexível e desorientado, sujeito à mudança. Percebendo que os comportamentos e crenças pessoais são muito abalados, ele pode iniciar uma reformulação de si mesmo.

Bilbo estava receoso e aflito, uma vez que participar de uma aventura alteraria seu padrão cotidiano de ações. Quando os anões da companhia de Thorin começam a chegar na casa do hobbit, no dia seguinte, para uma reunião, Bilbo percebe que de fato as palavras do mago eram reais e vê-se amedrontado como nunca antes esteve. A vida o estava chamando para o crescimento interior e ele devia dar uma resposta para esse chamado.

Ao ouvir os anões conversarem sobre a aventura e a sua grandiosidade, pois teriam que cruzar a Terra-média e, no final, enfrentar um dragão de fogo, o pavor toma conta do hobbit, ou, como o narrador diz, o seu lado Bolseiro (caseiro, ligado ao lar) vem à tona. Contudo, quando os anões pegam seus instrumentos de música e começam a tocar e cantar, Bilbo sente-se diferente e um desejo por vivenciar coisas novas e distantes das quais estava habituado surge dentro dele. Aqui, notamos com mais clareza a temática da configuração do crescimento psíquico, em que algo desperta dentro do protagonista que o impulsiona para a aventura. Bilbo precisa abandonar o conforto do lar e seguir para o amadurecimento psíquico.

2.2. O primeiro acesso ao inconsciente

É uma nova perspectiva na vida do hobbit, pois ele começa a se perceber dentro da aventura, embora não admita. No processo de individuação, ele empreende o primeiro acesso ao inconsciente, pois o início da jornada compreende uma jornada interior. Bilbo está iniciando uma reformulação de conceitos e expandindo os limites de sua percepção. Isso fica evidente quando os anões começam a cantar:

Enquanto eles cantavam, o hobbit sentiu agitar-se dentro de si o amor por coisas belas e feitas por mãos, com habilidade e com mágica, um amor feroz e ciumento, o desejo dos corações dos anões. Então alguma coisa dos Tuk despertou no seu íntimo, e ele desejou ir ver as grandes montanhas, e ouvir os pinheiros e as cachoeiras, explorar as cavernas e usar uma espada ao invés de uma bengala (TOLKIEN, 2002a, p. 14-15).

No dia seguinte, Bilbo inicia sua jornada na companhia de Gandalf, pois a recusa ao convite de Gandalf foi apenas momentânea. Gandalf é o guia e protetor do hobbit. Ele o escolheu como décimo quarto integrante da companhia porque, segundo ele, os guerreiros estavam ocupados lutando uns contra os outros em terras distantes, e os heróis naquela época eram raros: “É por isso que optei pelo *roubo*, especialmente quando me lembrei da existência de uma porta lateral. E aqui está o nosso pequeno Bilbo Bolseiro, o ladrão, o escolhido e eleito ladrão” (TOLKIEN, 2002a, p. 20-21).

Bilbo segue com Gandalf para o local, marcado com os anões, de se encontrarem. Essa etapa desenrola-se no capítulo intitulado *Carneiro assado*. Nela, o hobbit ultrapassa os limites conhecidos da região onde mora, sendo esses limites, na perspectiva junguiana, o primeiro acesso ao inconsciente. Na narrativa de Tolkien,

Primeiro tinham passado através das terras dos hobbits, uma ampla e respeitável região, habitada por gente decente, com boas estradas, uma estalagem ou duas, e, de vez em quando, um anão ou fazendeiro viajando a negócios. Depois chegaram a terras onde as pessoas falavam de modo estranho, e cantavam canções que Bilbo nunca ouvira antes. Agora tinham atingido as Terras Solitárias, onde não restava ninguém, nem estalagens, e as estradas ficavam cada vez piores. Não muito adiante havia montanhas desoladas, que subiam cada vez mais alto, cheias de árvores. Em algumas delas havia velhos castelos de aparência maligna, como se tivessem sido construídos por pessoas malvadas. Tudo parecia tristonho, pois naquele dia o tempo havia ficado ruim (TOLKIEN, 2002a, p. 30).

Após o choque inicial, a consciência de Bilbo volta-se para o centro da psique, ou *Self*. Essa atitude do Ego de voltar-se para o inconsciente o coloca em contato com forças arquetípicas que terá que enfrentar e, por conseguinte, superar. Aos poucos, a consciência do hobbit vai se expandindo e englobando novas possibilidades.

Na citação anterior, o hobbit encontra-se no limite de regiões conhecidas e habitadas. Nessa etapa, o cotidiano é deixado para trás e ele se vê em meio a um ambiente desconhecido e pouco explorado. Bilbo atravessa regiões habitadas por hobbits respeitáveis, simbolizando o consciente e seus conteúdos conhecidos e “seguros”. Em seguida, ele adentra locais onde as pessoas falavam estranho e cantavam canções que ele não conhecia para, por fim, atingir as terras solitárias que ninguém conhecido habitava. Percebe-se aqui que o Ego se volta para as regiões desconhecidas do inconsciente pessoal.

2.3. A realização da sombra

Nas Terras Solitárias, Bilbo depara-se com sua primeira aventura. Ele encontra três trolls em meio às árvores comendo carneiro assado. Os três trolls simbolizam aquilo que Jung (2014) postula como arquétipo da Sombra. Este é o primeiro dos arquétipos do inconsciente coletivo que Bilbo encontrará durante a aventura. Ela é composta de tendências ou qualidades negadas na consciência de um indivíduo como, preguiça, traumas, covardia, paixões excessivas etc. Na narrativa, a Sombra do hobbit é representada na forma da gula, da falta de higiene e da ignorância, os quais personificam os trolls. Ele terá que enfrentá-los e assimilar os conteúdos que ela contém para progredir na jornada heroica.

Segundo o *Dicionário de Símbolos* de Chevalier e Gheerbrant (2009), trolls, enquanto gigantes, representam o desmensurado, as forças saídas da terra, os instintos corpóreos e brutais. É possível notar, nessa simbologia, o caráter “negativo” atribuído a essas criaturas. Elas são representações claras dos instintos e conteúdos reprimidos que compõem a Sombra, visto que Bilbo levava uma vida regrada, repleta de regras

socialmente aceitar e corretas para a civilização dos hobbits do Condado. Já a fogueira relaciona-se aos ritos iniciativos, comunicando a ideia de que Bilbo está passando por um processo de iniciação.

O Fogo, nos ritos iniciáticos, de morte e renascimento, associa-se ao seu princípio antagônico, água. Tanto é assim, que os Gêmeos do Popol-Vul, após sua incineração, renascem de um rio onde suas cinzas foram lançadas. Mais tarde, os dois heróis transformam-se no novo Sol e na nova Lua (maia-quiché), realizando, assim, mais uma diferenciação dos princípios antagônicos fogo e água, que haviam presidido sua morte e seu renascimento (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2009, p. 441).

O hobbit amadurecerá sua personalidade por meio da perigosa jornada povoada de figuras simbólicas. As barreiras que surgem durante a etapa de provas, em suma, representam conteúdos e tendências negativas do inconsciente. O protagonista tem a missão de enfrentar esses conteúdos e assimilá-los, galgando a escada simbólica em direção ao centro regulador da vida psíquica, o *Self*. Na jornada, no entanto, não será somente com tendências negativas que o herói irá se deparar. Ele encontrará ajudantes que o auxiliarão no momento exato, concedendo a força ou os conselhos necessários.

Após descansar e alimentar-se na casa de Elrond por quase uma semana (a companhia havia chegado à Valfenda), o grupo dirige-se para as Montanhas Sombrias, no capítulo *Montanha acima, Montanha adentro*. Seguiam uma trilha difícil e perigosa, cada vez mais íngreme. Fazia muito frio lá em cima, como relatava o narrador. Algumas vezes, grandes pedaços de pedras de gelo despencavam do alto e passavam por eles. Bilbo nunca imaginou enfrentar adversidades climáticas e geológicas muito extremas.

Um símbolo que podemos perceber nessa cena é o da montanha. A ideia da subida nos remete ao crescimento espiritual, e as agruras encontradas no caminho são desafios necessários. Ela também é um símbolo de grandeza, revelando o crescimento interior da personagem. Bilbo estava se desenvolvendo e isto foi representado através da sua subida pela montanha. Conforme Chevalier e Gheerbrant (2009), a montanha é a representação do encontro da terra e do céu, objetivo da ascensão humana e onde os deuses residem.

Devido às adversidades da noite, o grupo encontrou uma caverna para passar a noite. Chovia e ventava muito no alto das montanhas e todos estavam encharcados. A caverna era espaçosa e comportava todos da comitiva. Não acenderam fogueiras, uma vez que as montanhas eram redutos dos orcs. Todos dormiam e Bilbo sonhava que uma fenda na parede se abria e orcs saiam dela. Contudo, ele despertou e o sonho se mostrou real. Orcs de fato atravessaram uma fenda na parede que antes não existia. A essa altura, Bilbo

estava tão imerso no Ermo da Terra-média, ou inconsciente, em uma leitura junguiana, que realidade e sonho se confundiam.

Essa foi a primeira vez que Bilbo entrou em contato com os orcs. O sonho do hobbit revelou o que Jung (2015) denominou de sincronicidade, ou, a correlação entre eventos sem causas aparente. No caso, ele sonhou que a parede se abria e que orcs saiam dela, o que de fato aconteceu. A sincronicidade era um indicativo de que a individuação estava em curso na psique de Bilbo.

No fundo da montanha, Bilbo encontra Gollum, uma criatura viscosa, com olhos grandes, que habitava uma caverna na raiz da montanha. Esse era o portador antecessor do anel que Bilbo encontrou nos túneis. Eis a descrição de Gollum dada pelo narrador:

Ali no fundo, na beira da água escura, vivia o velho Gollum, uma pequena criatura viscosa. Não sei de onde veio, nem quem ou o que ele era. Era um Gollum – escuro como a escuridão, exceto por dois grandes olhos redondos e pálidos no rosto magro. [...] Olhos pálidos feito lamparinas, ele procurava peixes cegos, que agarrava com os dedos longos num piscar de olhos. Gostava também de carne. Gostava de orcs, quando conseguia apanhá-los, mas tomava cuidado para que nunca o descobrissem (TOLKIEN, 2002a, p. 72).

Gollum se apresentava, no processo de individuação, ainda como a Sombra de Bilbo. A descrição dada pelo narrador aponta que ele era escuro como a escuridão, e que queria devorar o hobbit, pois estava enjoado dos peixes e orcs. Não tendo enfrentado todos os aspectos de sua Sombra, Bilbo se encontra mais uma vez nessa posição, só que, agora, a Sombra é menor (Gollum é pequeno), em comparação com os throlls. Entretanto, embora a Sombra fosse menor, ela não era menos perigosa, já que Gollum queria devorá-lo. O hobbit derrotou sua Sombra ganhando um jogo de advinhas proposto por Gollum. Esse seria a representação de características como orgulhos, egoísmo e egocentrismo.

Bilbo fugiu da montanha e encontrou a companhia de Thorin do lado de fora, na floresta. Ele já havia experimentado o poder de invisibilidade do anel e foi assim que conseguiu escapar dos túneis. Do lado de fora, o grupo foi cercado por Wargs, grandes lobos selvagens que queriam devorá-los. Os lobos podem simbolizar tendências regressivas no inconsciente do hobbit. De acordo com Chevalier e Gheerbrant (2009), eles podem também representar a luz, o sol ou o herói guerreiro. Em outras palavras, as tendências negativas simbolizadas pelos Wargs precisam ser incorporadas ao consciente, ou “iluminadas”, para que não constituam mais ameaça à psique do indivíduo.

A comitiva foi salva pelas águias, que constituem o arquétipo da *Anima* de Bilbo. As águias conseguiam ver longe e avistaram um alvoroço na floresta. Não gostavam de orcs e os perseguiam com o intuito de pôr fim a alguma maldade que poderiam estar praticando. Na descrição dada pelo narrador acerca das águias, concebe-se que “As águias não são pássaros amigáveis. Algumas são covardes e cruéis. Mas as da raça antiga das montanhas do norte eram as mais nobres de todas as aves; eram altivas, fortes e de coração nobre” (TOLKIEN, 2002a, p. 103).

As águias, como representação da *Anima* de Bilbo, os salvam dos lobos selvagens, ajudando-o na aventura. Elas salvam o hobbit e os demais companheiros de Bilbo do perigo, conduzindo-os a um local seguro, no caso, seus nichos nas regiões montanhosas. A *Anima* surge na psique logo após o enfrentamento e assimilação da Sombra, como exposto por Von Franz (2008). A águia está ligada ao alto, à nobreza, à luz e aos deuses.

No ninho das águias, Bilbo dormiu como nunca antes em sua toca e, “[...] toda noite sonhou com a própria casa e em seu sonho caminhou em todos os cômodos, procurando algo que não conseguia encontrar nem lembrar como era” (TOLKIEN, 2002a, p. 110). No sonho, o hobbit não sabia o que procurava nos corredores da sua casa, que antes fornecia todo o sentido necessário para sua existência. A jornada o está modificando a tal ponto que ele não mais via sentido nas coisas mundanas. Bilbo podia não saber o que procurava, mas ele estava atrás de um novo sentido para sua vida. O processo de individuação está transformando sua personalidade e este sonho é um indicativo disso.

O próximo ponto da aventura é o encontro da companhia com Beorn, no capítulo *Estranhos Alojamentos*. Beorn era um troca-peles: ora um homem grande, ora um urso maior ainda. Ele era imprevisível, nem amigo e nem inimigo. Bilbo estava nos domínios dele e isso era bastante alarmante para alguém que ainda não havia se recuperado do evento com os orcs e os wargs no Ermo. E nem Beorn, após recebê-los, ajudou a dissipar o medo de sua presença, como aponta Olsen (2012).

Esse personagem exerceu forte influência no imaginário de Bilbo, por ele ser uma combinação de bondade e selvageria. Segundo Chevalier e Gheerbrant (2009, p. 925), “[...] o urso faz parte dos símbolos do inconsciente ctônico: lunar e, portanto, noturno, ele está ligado às paisagens internas da terra-mãe”. O urso representa os instintos e as fases iniciais de evolução. Poderoso, violento, incontrolável, ele surge para Bilbo como um *insight* para esse harmonizar as forças destrutivas em si, pois, na narrativa, o urso não dominava o homem, e nem o homem dominava o urso. Ambos estavam em equilíbrio.

Após uma temporada na casa de Beorn, Bilbo e a comitiva seguiram para a Floresta das Trevas. Essa resguardava um mistério ambivalente, conforme é salientado no *Dicionário dos símbolos* de Chevalier e Gheerbrant (2009), pois gerava, ao mesmo tempo, angústia e serenidade, opressão e simpatia em Bilbo. A floresta causava muita angústia no hobbit, uma vez que ela estava infectada pelo mal. Havia esquilos negros nas árvores, ruídos e grunhidos estranhos. Havia teias de aranhas muito grossas e viscosas nas árvores e arbustos. À noite, olhos grandes, pálidos e bulbosos os observavam de todos os lados. Segundo Chevalier e Gheerbrant (2009, p. 439), “por sua obscuridade e seu enraizamento profundo, a floresta simboliza o inconsciente. Os terrores da floresta [...] seriam inspirados, segundo Jung, pelo medo das revelações do inconsciente”.

No coração da floresta, o perigo espreita na forma de aranhas gigantes. O protagonista, enquanto descansava, foi atacado por uma dessas criaturas e a enfrentou, na escuridão, com a ajuda da espada élfica, matando-a. Após matar a aranha, ele se sentiu uma nova pessoa, mais corajoso. Essa cena desenrola-se no capítulo *Moscas e Aranhas*. A coragem de Bilbo está sendo desenvolvida aos poucos.

Aranhas possuem simbolismos múltiplos e o *Dicionário dos símbolos* assim se refere a elas: “todas essas qualidades de demiurgo, de pressagiadora, de condutora das almas [...] fazem com que a aranha simbolize também um grau superior de iniciação” (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2009, p. 72). O hobbit encontrava-se, agora, em um estado superior de iniciação, e o indicativo disso era que ele se sentia uma pessoa nova, mais feroz e corajosa, salvando-se, no lugar de ser salvo.

2.4. A integração do Self

Esta é a etapa final da aventura de Bilbo e da companhia de anões. Eles estavam desanimados e apreensivos, pois não sabiam o que iriam encontrar na montanha. Eles haviam chegado à Cidade do Lago e recebido toda ajuda que podiam. A ideia de um dragão, provação maior do hobbit, causava forte impressão nas mentes de todos. Eles não sabiam se Smaug ainda estava vivo nos salões de Erebor.

Na montanha, Bilbo pode, finalmente, desempenhar o papel para o qual foi contratado: o de ladrão. Desceu por um longo corredor escuro, reto como uma régua, para dentro da montanha. Mais uma vez, temos o motivo da subida da montanha e da descida no escuro, como aconteceu nas Montanhas Sombrias. Bilbo estava apreensivo pois não sabia o que iria encontrar lá embaixo.

Era notável como o hobbit estava diferente nesse ponto da história. Ele estava mais seguro de si, mais corajoso, mais esperto e determinado. A existência de um dragão dentro da montanha esperando por ele não o impedia de seguir em frente e cumprir sua missão. Em nível psicológico, o Ego de Bilbo direciona-se para o arquétipo do *Self*, ou Si-mesmo, o centro regulador de toda a vida psíquica. A aventura estava contribuindo para a união dos opostos (consciente e inconsciente) que é o verdadeiro propósito da individuação.

Bilbo estava para enfrentar sua maior provação, o encontro com Smaug, e a realizar o seu trabalho, o roubo da pedra Arken, também chamada de “O coração da montanha”. Bilbo lutou consigo nos túneis para continuar em frente. A verdadeira luta, no processo de individuação, como aponta Jung (2006), é aquela realizada contra si mesmo. Enfrentar os arquétipos e superá-los configura o potencial de mudança e transformação interna com consequente expansão da consciência. A luta entre o herói e o dragão, como apontam Chevalier e Gheerbrant (2009), no *Dicionário dos símbolos*, revela o tema arquetípico do triunfo do Ego, centro da consciência, sobre as tendências negativas e regressivas do inconsciente.

A descida pelo túnel representava um mergulho nas trevas do inconsciente. Descer para a escuridão e enfrentar Smaug era o último desafio de Bilbo. Se bem sucedido, o Ego encontrar-se-ia com o arquétipo do *Self*, e o centro da consciência passaria a orientar as tomadas de decisão da consciência. Ao chegar ao final no túnel, Bilbo encontrou Smaug dormindo, postado em cima do tesouro: “Lá estava ele, um enorme dragão vermelho-dourado, ferrado no sono; um ruído palpitante vinha de suas narinas e mandíbulas, junto com tufos de fumaça, mas, no sono, o fogo estava arrefecido” (TOLKIEN, 2002a, p. 210).

O vermelho, como a cor do dragão, simboliza, universalmente, o princípio de vida, com sua força, seu poder e seu brilho, como salientam Chevalier e Gheerbrant (2009). Isto quer dizer que, o enfrentamento do dragão consumará o renascimento de Bilbo. O narrador relata que o dragão estava dormindo e sonhava com ganância e violência. Eis o que Bilbo terá que enfrentar em si mesmo como suprema provação. Ele possuía essas características adormecidas, que foram personificadas na forma de Smaug. Enfrentando e assimilando essas tendências em sua consciência, Bilbo encontraria o *Self*.

A suprema provação de Bilbo acontece quando ele retornou ao salão, no dia seguinte, após roubar uma taça, e encontrou Smaug desperto. O dragão acordado indicava

que as tendências de ganância e de violência estavam despertas na mente do herói e que aquela era a oportunidade para encará-las e assimilá-las. Ao conversar com Smaug, ele reconheceu a grandeza do dragão, relatando que ele era a “Maior e Mais Importante das Calamidades” (TOLKIEN, 2002a, p. 216). Analogamente, também as reconheceu em si.

A conversa com o dragão proporcionou a Bilbo a aceitação de suas tendências negativas. Isto foi facilmente percebido quando, após a conversa, Smaug saiu da montanha e seguiu para a cidade do lago. Ou seja, ele foi embora. O fato de afastar-se da montanha e de Bilbo (ir embora) configurava a assimilação dos aspectos negativos. O dragão não era mais uma ameaça. No psiquismo do hobbit, os opostos estavam se equilibrando: o Ego voltou-se para o centro da psique e o arquétipo do *Self* apareceu.

No capítulo *Fora de Casa*, Bilbo encontrou a Pedra Arken e a guardou para si. Esse é o momento de conciliação dos opostos na psique do hobbit.

Era a Pedra Arken, o Coração da Montanha. Foi o que Bilbo imaginou pela descrição de Thorin; mas, realmente, não poderiam existir duas pedras iguais àquela, mesmo num tesouro assim tão esplêndido, mesmo em todo o mundo. [...] A grande pedra brilhava diante de seus pés com uma luz própria, que vinha de dentro dela e, mesmo assim, cortada e lapidada pelos anões, que a haviam retirado do coração da montanha muito tempo atrás, ela captava toda a luz que caía sobre a sua superfície, transformando-a em dez mil faíscas de brilho branco, tocado pelas cores do arco-íris (TOLKIEN, 2002a, p. 229-230).

Bilbo encontrou a Pedra Arken e não a entregou a Thorin, que ansiava por ela e não a encontrava. Este foi o momento de integração com o *Self*, enquanto totalidade. Encontrar-se com o *Self* é permitir o crescimento da psique para a totalidade. É a união dos opostos, verdadeiro sentido da individuação. Segundo Von Franz (2008, p. 278), “[...] o self é simbolizado, com muita frequência, na forma de uma pedra, preciosa ou de outro tipo qualquer”.

2.5. O aspecto social do Self

Após a Batalha dos Cinco Exércitos, chegou o momento de Bilbo retornar para o lar. Retornou com Gandalf e Beorn, que participou da Batalha dos Cinco Exércitos sob a forma de um grande urso. Isso aconteceu logo após as despedidas e prestações de contas com Dain, o novo rei sob a montanha, pois Thorin fora ferido mortalmente e agora jazia em um leito de morte sob a montanha.

Em nível psicológico, aconteceu o que Von Franz (2008) chama de realização do *Aspecto social do Self*, no processo de individuação. O risco da individuação é o indivíduo

isolar-se do convívio social e assumir que o único modo de realizar essa jornada é de forma solitária, sem notar a realidade coletiva ao seu redor. O isolamento não acontece na jornada de Bilbo, uma vez que ele cria e mantém fortes laços de amizade com os anões, com os homens, com os elfos e com Gandalf, para citar alguns, como aponta o narrador no capítulo *A viagem de volta*.

Este fator social pode ser constatado no momento icônico da entrega da Pedra Arken a Bard. Ali, aconteceu uma dissolução de parte da tensão criada por Thorin por não querer entregar parte do tesouro aqueles que os ajudaram quando chegaram à Cidade do Lago, destruída com a queda do dragão morto (Bard o havia matado). O hobbit amadureceu os laços de amizade naquele momento com os homens e os elfos. O sentimento de dever e responsabilidade é o que garante a objetividade da função social do *Self* (KLAUTAU, 2007):

O perigo do subjetivismo em relação ao processo de individuação se dissolve quando compreendemos a função social do *Self*. É justamente na relação do dever, da obrigação e da missão que a objetividade ocorre. O processo é, antes de tudo, individual, porém realiza-se plenamente na relação com os demais. É na função social que, objetivamente, o *Self* se faz perceber (KLAUTAU, 2007, p. 8).

Tendo agora retornado para sua comunidade, Bilbo agora possuía o conhecimento do mundo conhecido, o Condado, sua consciência, e havia adquirido a experiência do mundo desconhecido, povoado por criaturas estranhas, o Ermo, que, em analogia, é o inconsciente com arquétipos, forças antagônicas e simbólicas. Essa característica de transitar entre os dois mundos permite um livre intercâmbio de conteúdos entre o inconsciente e o consciente. Bilbo já não era mais o hobbit que saiu do Condado e Gandalf aponta isso em uma fala: “[...] – Meu querido Bilbo! – disse ele. – Há algo de errado com você! Não é mais o hobbit que era” (TOLKIEN, 2002a, p. 290).

Bilbo agora estava livre, pois sua percepção do mundo estava modificada. Não percebia mais o mundo somente como o Condado em si, com seus rios, florestas e pessoas conhecidas. O mundo era algo maior que ele e aquela região. A jornada o fez se autoconhecer, possibilitando o desenvolvimento de potenciais latentes. Muitas outras aventuras ele realizou depois, mas esta foi a que ele mais gostou e relatou nos anos subsequentes para aqueles que estavam dispostos a ouvir.

Considerações finais

Neste trabalho, propomos compreender o processo de individuação que se desenrola com o personagem Bilbo Bolseiro, na narrativa *O hobbit*, de J. R. R. Tolkien. Como exposto, a individuação, segundo Jung (2015), é a resolução da dualidade interior, em que a psique consciente se harmoniza com a psique inconsciente, e o centro dessa última, o *Self*, passa a orientar, por meio de símbolos, as ações do Ego consciente.

Neste trabalho, partimos do pressuposto de que Bilbo passa por um processo de individuação. Nele, o indivíduo desenvolve-se e torna-se consciente de sua identidade como um ser indivisível, internamente, e único no mundo. No final da análise da narrativa, verificamos que Bilbo Bolseiro de fato atinge a totalidade psíquica, ou, união entre a instância consciente e inconsciente de sua mente, como sugere a individuação.

A totalidade é a união entre o consciente e o inconsciente na psique do ser humano, a partir da qual se produz uma situação de paz e plenitude interior, como aponta Von Franz (2008). Quando este estado é alcançado, instala-se na psique do indivíduo um processo dinâmico de trocas simbólicas entre aquelas duas instâncias. A análise das situações e símbolos, enquanto manifestações da instância inconsciente para a consciente, permitiu verificar como a psique estava direcionando-se para a totalidade.

A aventura de Bilbo Bolseiro pela Terra-média o modifica demasiado em níveis muito profundos. Através dela, o hobbit empreende a jornada interior, na qual dissolve o conflito existente entre sua consciência e inconsciência, alcançando a totalidade, representada pela aquisição da Pedra Arken. O protagonista passou por diversas provas durante a jornada que acarretaram mudanças de crenças e atitudes diante da vida. O protagonista, no final da narrativa, apresenta-se mudado e já não é mais o hobbit que era no início da aventura.

Este trabalho veio adicionar novos conhecimentos aos estudos sobre o legendário de Tolkien para que melhor possamos compreender as obras deste autor à luz da psicologia. Apontamos, assim, a necessidade de outras histórias de Tolkien serem também estudadas sob um viés psicológico, para que possamos compreender e ressignificar os personagens presentes nessas narrativas, assim como as tramas como um todo. Obras como *O senhor dos anéis* (1954-1955), *Os filhos de Dúrin* (2007) e, mais recentemente, *Béren e Lúthien* (2017), são exemplos de narrativas escritas pelo autor, e organizadas por seu filho, Christopher Tolkien, que também podem ser analisadas à luz da psicologia.

Referências

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. Dicionário dos símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Tradução de Vera da Costa e Silva [et al.]. 23^a.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

GRINBERG, L. P. JUNG: O homem criativo. São Paulo: FTD, 1997.

HUMBERT, E G. Jung. Tradução de Marianne Ligeti. São Paulo: Summus, 1995.

_____. Os arquétipos e o inconsciente coletivo. Tradução de Maria Luiza Appy e Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Petrópolis: Vozes, 2014.

_____. O eu e o inconsciente. Tradução de Dora Mariana Ferreira da Silva. Petrópolis: Vozes, 2015.

JUNG, K. G. O primeiro acesso ao inconsciente. (In) JUNG, K. G. (org.). O homem e seus símbolos. Tradução de Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

KLAUTAU, Diego. Do cinzento ao branco: o processo de individuação a partir de Gandalf em O senhor dos anéis. Ciberteologia – Revista de Teologia e Cultura, Ano II, n. 10, 2007.

OLSEN, Corey. Explorando o universo do Hobbit: mensagens secretas, curiosidades e a filosofia na história da terra da média. Tradução de Carlos Szalak. São Paulo: Lafonte, 2012.

TOLKIEN, J.R.R. O hobbit. Tradução de Lenita Maria Rímoli Esteves e Almiro Pisetta. São Paulo: Martins Fontes, 2002a.

_____. O Senhor dos Anéis: A sociedade do anel. Tradução de Lenita Maria Rímoli Esteves e Almiro Pisetta. São Paulo: Martins Fontes, 2002b.

_____. O Senhor dos Anéis: As duas torres. Tradução de Lenita Maria Rímoli Esteves e Almiro Pisetta. São Paulo: Martins Fontes, 2002c.

_____. O Senhor dos Anéis: O retorno do rei. Tradução de Lenita Maria Rímoli Esteves e Almiro Pisetta. São Paulo: Martins Fontes, 2002d.

VON FRANZ, M. L. O processo de individuação. (In) JUNG, K. G. (org.). O homem e seus símbolos. Tradução de Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.